

LINGUASAGEM

FORMA-AUTOR E HETEROGENEIDADE EM DECLARAÇÕES DE EDIR MACEDO SOBRE A COVID-19

Luiz Felipe Andrade SILVA¹

Resumo

O presente trabalho analisa declarações de março e junho de 2020 do líder da Igreja Universal do Reino de Deus, o bispo Edir Macedo, antes e depois de seu contágio pelo novo coronavírus a partir do dispositivo teórico e metodológico da Análise de discurso materialista. Busca-se observar como o funcionamento da forma-autor no discurso religioso permite a manutenção da coerência a ele atribuída nas duas declarações: uma em que nega a patogenicidade do vírus e outra, em que relata a sua recuperação. Para tanto, nos valeremos das formas de heterogeneidade mostrada, tal qual teorizadas por Authier-Revuz, e da noção de efeito metafórico, desenvolvida por Pêcheux. Compreende-se assim que há movimentos de administração do sentido que envolvem um jogo ambíguo entre o mesmo e o outro.

Palavras-chave: Forma-autor; Discurso religioso; Heterogeneidade mostrada; Efeito metafórico; Covid-19.

Abstract

In the theoretical and methodological perspective of the Materialistic Discourse Analysis, we analyze statements of March and June of 2020 by the leader of the Universal Church of the Kingdom of God, Bishop Edir Macedo, before and after being infected by the new coronavirus. We observe how the functioning of the author-form in religious discourse enables the maintenance of the coherence attributed to it in the two statements: one in which the Bishop denies the pathogenicity of the virus and another, in which he reports its recovery. For that, we observe the forms of manifest heterogeneity, as theorized by Authier-Revuz, and the notion of metaphorical effect, developed by Pêcheux. Therefore, we understand that there are gestures of meaning administration that build an ambiguity between the same and the other.

¹ Professor adjunto do Departamento de Línguas Vernáculos do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. E-mail: lfelipe.andrades@gmail.com.

Keywords: Religious discourse; Author-form; Manifest heterogeneity; Metaphorical effect; Covid-19.

Introdução

No dia 8 de junho de 2020, o líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Bispo Edir Macedo, foi internado em São Paulo para tratamento da Covid-19. Ao receber alta, no dia 12, a organização religiosa enviou nota à imprensa, afirmando que o bispo fez tratamento com hidroxocloroquina e que, segundo o médico, seu quadro “evoluiu sem intercorrências, apresentou uma ótima evolução clínica e se recuperou totalmente” (BISPO..., 2020).

Apoiadora do presidente Jair Bolsonaro desde sua candidatura, a IURD teve um papel determinante na sua eleição (OLIVEIRA, 2020) e na manutenção do apoio às suas decisões. As declarações da igreja em junho e as do bispo em março e junho (que serão analisadas neste trabalho) coadunam-se à política de (não-)enfrentamento da pandemia defendida por Bolsonaro. Se este, em março, declarava que não havia motivo para pânico ou que se superdimensionava o poder destruidor do vírus (VANUCCI, 2020), aquele dizia que “todo mundo está apavorado e que não há [...] razão para isso” (MACEDO, 2020a). Se, em junho, o presidente persistia defendendo o uso da hidroxocloroquina para o tratamento da Covid-19, posicionando-se contra o isolamento social, Macedo afirmou ter sido tratado com o medicamento e ter apresentado uma recuperação rápida e completa².

Os paralelismos encontrados nas declarações das duas figuras públicas se dão não apenas em relação às proposições que defendem, mas também ao próprio embaçamento das fronteiras que delimitariam os discursos político, de um lado, e religioso, de outro. A contraparte da promoção de votos, em templos iurdianos, para Bolsonaro, encontra-se na adesão de sua política aos princípios conservadores cristãos, sintetizados no slogan de campanha repetido exaustivamente em seus pronunciamentos mesmo após eleito: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”.

² Posteriormente, Bolsonaro foi diagnosticado com Covid-19 e a utilizou para defender o tratamento com a hidroxocloroquina, a despeito de haver consenso médico contrário a esse tratamento e em favor das medidas de isolamento social até o surgimento de uma vacina ou uma queda acentuada na curva de transmissão da doença.

Por sua vez, a gradativa entrada das igrejas evangélicas na política, que vem se consolidando desde a abertura pós-ditadura, encontra em Macedo sua figura mais emblemática, cuja influência tem determinado os rumos eleitorais desde 1989 (NASCIMENTO, 2019). Tal atuação política, na contramão do sectarismo defendido pelos evangélicos tradicionais, culmina com a fundação do partido político Republicanos (originalmente, PRB) em 2003 e com a publicação, em 2008, do livro *Plano de poder*, no qual aborda “o objetivo de Deus [...] para o seu povo (o projeto de poder político de nação)” (MACEDO, OLIVEIRA, 2008, p.20).

No entanto, malgrado as semelhanças, é importante que se reconheçam as diferenças entre ambos no que tange à produção de gestos de autoria nos âmbitos político e religioso e aos seus papéis institucionalmente significados em diferentes posições-sujeito.

Na esfera das instituições de representação política de uma sociedade democrática, como se pretende o Brasil, faz parte de suas condições de produção a mudança de avaliação sobre uma questão. Que Bolsonaro negue a gravidade da pandemia, ao afirmar que se trata “muito mais fantasia, a questão do coronavírus”, e depois reafirme sua gravidade (mesmo que de forma mitigada), ao dizer que “o vírus está aí. Vamos ter que enfrentá-lo” (VANNUCHI, 2020), não afeta a pretensa coerência que se atribui ao autor, como uma das dimensões enunciativas do sujeito, segundo a qual se dá a responsabilização individual do dizer.

Na esfera das instituições religiosas hipercentralizadas, como o é a IURD, porém, a mudança de avaliação sobre uma questão assume um outro aspecto. Primeiramente, cumpre observar que a IURD não é uma igreja que possibilite a dissensão em seus domínios: além de se expulsarem membros de seu corpo eclesiástico, há a produção de outras igrejas por cissiparidade, isto é, os discordantes fundam suas próprias igrejas, numa espécie de “reforma” continuada. Ademais, enquanto a esfera política se organiza como “promotora da justiça”, na qual a “verdade” (o “fato”) funciona apenas como um pressuposto, a esfera religiosa se organiza como “promotora da verdade”. O discurso iurdiano (ou mesmo cristão, de uma maneira geral) baseia-se em um pré-construído, segundo o qual aquilo que acontece (verdade) equivale necessariamente à justiça de Deus, uma vez que este é, além de onisciente e onipotente, plenamente justo e bom.

Atravessados pelo “real” do vírus Sars-Cov-2, os discursos de Bolsonaro e de Macedo acabam incorrendo em falsidade, de acordo com o viés semântico-logicista defendido, por exemplo, por Frege (2009 [1892]). Após três meses de pandemia e um total de quase sessenta mil mortos no país, não há condições de possibilidade para se afirmar a inexistência ou mesmo a baixa letalidade da doença. No entanto, a forma-³ autor dos discursos político e religioso impõe diferentes maneiras de se lidar com a contradição: o discurso político pode ser reformulado sem prejuízo ao seu autor, mas o mesmo não ocorre com o discurso iurdiano.

Neste artigo, analisaremos, como dito anteriormente, duas declarações do Bispo Macedo, uma feita em 11 de março de 2020 (MACEDO, 2020a; 2020b), em que negava a letalidade e mesmo a patogenicidade do vírus, e outra feita em 14 de junho (MACEDO, 2020c), na qual ele fala sobre a própria recuperação, após ser acometido pela Covid-19. Interessamos observar os gestos de autoria que asseguram a coerência e a completude da representação nos dois momentos, preservando a construção da “unidade do sujeito” necessária ao funcionamento do seu papel institucional. Para tanto, nos valeremos das contribuições da Análise de Discurso Materialista, doravante AD, em diálogo com as reflexões acerca da heterogeneidade discursiva empreendidas por Authier-Revuz (1998; 2004).

Nesse percurso, primeiramente, observaremos como a questão do sujeito e da autoria é compreendida no âmbito das teorias evocadas e, em seguida, observaremos formas de heterogeneidade mostrada (AUTHIER-REVUZ, 1998; 2004), especificamente o discurso relatado e a modalização autonímica, nas declarações de Macedo. Baseados em estudos anteriores sobre o discurso iurdiano (XXXXXX, 2019), observaremos como o acionamento desses dispositivos discursivos permite a preservação da coerência e unicidade do bispo, necessária ao estabelecimento da forma-³ autor-religiosa, mesmo quando acontecimentos extralinguísticos afetariam a unidade do seu dizer.

Autor: função e forma

³ A Análise Materialista de Discurso, com a qual trabalhamos, tradicionalmente se ocupa da noção de *função-autor*. Neste trabalho, organizamos nossa reflexão em torno daquilo que chamamos *forma-autor*, que será melhor explicitado na próxima seção.

A AD, como disciplina de entremeio que trabalha a relação língua/sujeito/história, tomando como objeto o discurso – “efeito de sentido entre [interlocutores]” (PÊCHEUX, 2019 [1969], p.39) – não compreende a autoria a partir de uma concepção empirista, segundo a qual o autor seria o indivíduo-no-mundo que produz o texto. Pelo contrário, o autor seria uma instância produtora e efeito de sentido inscrito na própria materialidade discursiva, ou seja, não algo anterior ao texto do qual seria a causa. O autor é considerado como uma função, daí: função-autor, conforme teorizado por Foucault (2015 [1969]).

A função-autor seria “o resultado de uma operação complexa” (FOUCAULT, 2015 [1969], p.280) que assume, de acordo com a época e a ordem de discurso em que se exerce, uma feição diferente. De modo geral, na sociedade capitalista, a função-autor está ligada ao sistema jurídico e institucional e atua atrelada aos dispositivos de individuação. Por meio dela se confere um princípio de unidade, coerência e constância atribuído ao autor, nome próprio em torno do qual se organiza a sua obra – princípio esse que está na base da responsabilização individualizante pelo dizer (e pelo fazer) na sociedade de Direito. Seria, assim, naquilo que se considera a “ordem do discurso”, um dos procedimentos de controle da produção do discurso em dada sociedade:

O autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência. (FOUCAULT, 2006 [1970], p.26)

Observa Foucault que esse princípio não é comum a todos os discursos que circulam em uma sociedade, mas apenas a determinados tipos de discurso (literatura, filosofia, ciência). Ao inscrever essa concepção no âmbito da AD, Orlandi (2008) ressalva que se trata de um princípio geral, uma vez que, mesmo quando o texto não tem um autor específico, se imputa a ele uma autoria (ORLANDI, 2008, p.77). Dessa forma, os mecanismos observados por Foucault no âmbito dos sistemas e técnicas de saber passam a ser compreendidos, na AD, como mecanismos comuns a toda prática discursiva. Isso se dá em virtude de esses mecanismos concernirem à interpelação do indivíduo em sujeito, à sua inscrição/identificação em uma formação discursiva.

Em sua relação com o materialismo histórico, tal como desenvolvido por Althusser, a AD compreende o sujeito como *efeito ideológico elementar*; uma vez que “toda ideologia tem a função (que a define) de ‘constituir’ indivíduos concretos como sujeitos” (ALTHUSSER, 1996 [1970], p.132). É devido à interpelação do indivíduo pela ideologia que ele se torna sujeito, no entanto, nesse mesmo movimento a ideologia recobre a si mesma, de modo que o sujeito emergja como uma evidência, algo *sempre já lá*.

Pêcheux compreende, dessa maneira, que a interpelação do indivíduo em sujeito se estabelece, discursivamente – e é importante observar que o discurso é aqui considerado como a materialidade específica da ideologia – pela sua identificação com a formação discursiva que o domina. Destarte, a constituição do sujeito e a constituição do sentido se dão concomitantemente, nesse processo de interpelação/identificação operado na/pela formação discursiva. Ao produzir sentido, o indivíduo se constitui como sujeito.

A função-autor responde, assim, a esse processo através do qual o sujeito se constitui (ou, como preferimos, é produzido). Clivado pelo inconsciente e atravessado pela ideologia, o sujeito se constitui a partir do esquecimento, que assume duas formas (PÊCHEUX, 2009 [1975]). O esquecimento nº 2 é promotor da “ilusão referencial”, segundo a qual haveria uma relação direta entre pensamento-palavra-mundo, esquecendo-se que, ao produzir um enunciado, o sujeito seleciona, dentro da formação discursiva em que se insere, aquilo que pode e deve ser dito. O esquecimento nº 1, por sua vez, é promotor da “ilusão subjetiva” de que o sujeito é origem de seu dizer, recalçando-se o inconsciente e apagando-se a determinação ideológica. Disso decorre que o sujeito seja compreendido como posição ocupada por sua inscrição – identificação à forma-sujeito de uma formação discursiva / interpelação pela ideologia – num determinado regime de discursividade.

De acordo com Orlandi (2008), o sujeito está para o discurso assim como o autor está para o texto. À constitutiva dispersão e heterogeneidade daqueles (sujeito e discurso) sobrepõem-se o efeito totalizante destes (autor e texto). “O sujeito se constitui autor ao constituir o texto. O autor é o lugar em que se constrói a unidade do sujeito” (ORLANDI, GUIMARÃES, 2008, p.56), efeito do esquecimento nº 1.

Essa função-autor, porém, não é exercida sempre da mesma maneira; defendemos que haveria uma forma-autor para cada “ordem de discurso”: para o discurso político e para discurso religioso, ou mesmo, no interior desse, para o discurso iurdiano. Ao falarmos agora em *forma*, referimo-nos ao modo de existência histórica e social da função-autor, diferente para o século XVI como para o século XXI, para o discurso acadêmico como para o discurso eletrônico... Se “há, na gênese de todo discurso, o projeto totalizante de um sujeito, projeto este que o converte em autor” (ORLANDI, GUIMARÃES, 2008, p.55), há, para cada ordem de discurso, um modo pelo qual se assegura a esse sujeito-autor a coerência, a completude, a constância imaginária que ele deve ter para garantir a validade do discurso.

Assim, a forma-autor-política, modo pelo qual se dá a prática da função-autor no discurso político, permite a alternância de conteúdo ao longo do tempo, sem que se perca sua unidade. Bolsonaro, assim, pode negar a existência do vírus e depois afirmá-la, porque faz parte do regime de verdade que conduz o discurso político a possibilidade de criação do consenso e de readequação situacional, operada através da dissensão (ilusória) constitutiva da modernidade entre fato e interpretação, ser e ética, prática e pensamento.

O regime de verdade do discurso cristão e mais especificamente do discurso iurdiano não permite isso. A função-autor exercida pelo nome próprio de Macedo – reiterado pela “rostidade” nos vídeos que iremos analisar – assume a forma de intermediário direto de Deus; aquilo que ele fala provém de Deus e, ao mesmo tempo, expressa um certo tipo de transparência na relação entre palavra e mundo. Incorrer no erro, produzir um enunciado sem “valor de verdade”, de acordo com o que diria Frege (2009 [1892]), de modo a ter de reformulá-lo sob a forma de uma espécie de *errata* ou de readequação não faz parte de seu funcionamento. Sendo assim, as declarações de março e de junho devem preservar uma ilusória (e mesmo frágil) unidade, que confira igualmente ao seu autor unidade, coerência e constância, ainda mais por sua enunciação se produzir como um duplo da enunciação de Deus.

Observaremos o modo de produção dessa forma-autor e a busca por sua manutenção nas duas declarações, a partir daquilo que chamamos acima de ilusão subjetiva e ilusão referencial. Parece-nos que pelo uso de algumas estratégias de negociação do autor com as heterogeneidades constitutivas do discurso, tanto aquela

que concerne ao sujeito, quanto aquela que concerne ao sentido das palavras, as declarações de Macedo sobre a Covid-19 concorrem para a preservação dessa forma-autor-religiosa.

Ilusão subjetiva e discurso relatado

Na segunda semana de maio de 2020, Macedo divulgou no *Youtube* um vídeo de sua série “Palavra amiga do Bispo Macedo” (2020a, 2020b), no qual falava sobre o vírus da Covid-19. O vídeo logo passou a correr em grupos do *Whatsapp* e foi objeto de algumas matérias de jornal e sites da internet. Nele, Macedo fala que não se deve ter medo do coronavírus e apresenta um vídeo do médico Beny Schmidt, professor da Universidade de São Paulo, igualmente produzido para o *Youtube*, que confirmaria sua afirmação.

Após diversas críticas feitas ao médico e da retirada de seu vídeo de seu canal na internet, o Bispo Macedo também apagou o seu do *Youtube*, mas foi-nos possível encontrá-lo em fragmentos a partir dos quais o recuperamos. A possível falta de integridade do material, porém, não constitui um empecilho para a presente análise, uma vez que o dispositivo teórico-metodológico com o qual trabalhamos compreende que o texto é uma unidade ilusória, não fechada em si mesma, resultante de um processo de textualização do discurso propenso à falha e ao equívoco – em virtude da opacidade da materialidade discursiva. Trabalhamos, assim, com recortes de sequências discursivas (SD) que nos possibilitam a realização daquilo que Pêcheux chamou de “leitura-trituração” (PÊCHEUX, 2016 [1980], p.25) e de deslinearização da superfície discursiva.

Recortamos, para os fins de nossa análise, SDs nas quais se apresentem formas de *heterogeneidade mostrada*, isto é, formas a partir das quais se inscreve “o outro na sequência do discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.25) como o discurso relatado (DR), seja sob a forma do discurso direto (DD), indireto (DI) ou indireto livre (DIL), e a modalização autonímica – forma reflexiva segundo a qual se aborda a pertinência de uma palavra ao próprio discurso no qual ela é produzida, reconhecendo assim sua heterogeneidade. Sendo o discurso, assim como o sujeito, constitutivamente heterogêneo, essas formas funcionariam como uma negociação entre o *um* imaginário

(efeito ideológico) e o(s) *outro(s)* onipresente(s), mas para “melhor” circunscrevê-la e administrá-la.

Essa negociação consiste em reconhecer em sua enunciação o jogo do não-um, mas ao modo da *denegação*, pela representação que dela é dada, a de um acidente, de uma falha local, preservando e mesmo reassegurando assim, nos próprios lugares em que ele é questionado, o fantasma de coincidência, de "um", necessário ao sujeito falante. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.186)

A introdução de um trecho do vídeo de Benny Schmidt, central na declaração de março do bispo, funciona como um DD. Neste, como define Authier-Revuz (2004, p.12), “são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou o espaço – claramente recortado da citação” no discurso, promovendo uma espécie de produção da identidade do próprio discurso pela diferença: discurso do outro x “meu” discurso, negando que o outro encontra-se em toda parte e não apenas no que é segmetável; negando, em suma, a interdiscursividade.

O trecho do vídeo de Schmidt, mesmo sendo inserido entre dois cortes simples e de o médico se apresentar com seu rosto e voz em outro cenário, é “dominado” pelo enunciado de Macedo. Essa dominância é reforçada pelo modo como sua fala é introduzida (SD-1, 2) e, posteriormente, retomada (SD-3).

(SD-1) E eu tenho uma excelente notícia para todos vocês, além das boas novas do Evangelho que, diariamente, nós trazemos aqui com testemunhos de que essas boas novas realmente funcionam na vida dos que creem. Mas a outra boa notícia vem de um médico, um cientista que tem a falar a respeito do coronavírus. E todo mundo está assustado, todo mundo está apavorado e que *não há, segundo ele, não há razão para isso*. (MACEDO, 2020a; grifos nossos)

(SD-2) E por trás dessa campanha toda do coronavírus existe um interesse econômico, existe um interesse econômico. E onde há um interesse econômico, aí tem. *Vamos assistir o que ele fala pra confirmar isso que nós estamos falando*. (MACEDO, 2020a)

(SD-3) Fica aí o recado do doutor que é um cientista e que tem fundamentos científicos pra *falar o que falou*, com certeza. (MACEDO, 2020a)

Observamos que não apenas há uma administração da interpretação do DD, que busca fazer equivaler o que diz o outro (citado) com o que diz o mesmo (citante): “Vamos assistir o que ele fala para confirmar isso que nós estamos falando” – no qual a

fala do médico entra menos como argumento de autoridade e mais como prova. De acordo com Macedo, o que ele chama de “campanha [...] do coronavírus” baseia-se em um interesse econômico, mas a fala do médico não aborda o assunto de maneira “direta”, a não ser que, sobrecodificadas pela fala introdutória do bispo, sejam interpretáveis como manifestação do interesse econômico as passagens em que o médico afirma que:

a) “agora os coordenadores do nosso país, do meu amado Brasil, estão pedindo *um bilhão de reais* para tratar de uma epidemia do coronavírus no Brasil que ainda não é epidêmica no nosso país e que também pode ser e que não faz mal a ninguém”

b) “todo mundo vai perceber que tudo isso foi *uma armação, talvez dos próprios chineses*. Não conheço a China, mas alguma coisa aconteceu pros chineses ficarem tão alardeados e o governo se envolveu de uma maneira que eu não tenho a menor ideia de qual foi” (SCHMIDT, *in* MACEDO, 2020a; grifos nossos)

A pretensa “objetividade” do DD, reforçada pela imagem e voz do citado, promovem uma “ficção de apagamento” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.149) da própria interpretação atribuída pelo citante. Formalmente, a representação do discurso outro aqui pode ser tratada como DD, uma vez que é sintaticamente delimitada dentro do enunciado de Macedo e, ao mesmo tempo, imagetivamente delimitada pela edição: “Vamos assistir o que ele fala para confirmar isso que nós estamos falando (corta para Benny Schmidt)”. Há uma representação no plano da expressão: rosto, voz e enunciado do outro. No entanto, há também um movimento de reformulação-tradução desse discurso outro, que se direciona ao plano do conteúdo: *a fala dele confirma o que nós falamos, que há interesses econômicos por trás da divulgação da mídia sobre o coronavírus, uma vez que esse não oferece riscos*.

Essa reformulação inverte o movimento argumentativo da fala do médico, segundo a qual a “armação” é uma possível consequência inferida a partir da afirmação de que o Sars-Cov-2 não oferece riscos à saúde; inversão essa que torna como “dado” (implícito) a não-letalidade ou patogenicidade do vírus, objeto polêmico defendido pelo discurso citado. A inserção do vídeo de Schmidt funciona como “citação-reliquia” e, concomitantemente, há sobre ela “reformulação-tradução” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.134). Esse recurso não deixa de possibilitar uma defesa do citante, Bispo Macedo, como nome próprio/rosto que promove o funcionamento da autoria.

Observa-se o mesmo na “modalização como discurso segundo” destacada na SD-1. Ao se enunciar “não há, segundo ele, não há razão para isso [estar apavorado]”, promove-se um efeito ambíguo com a proximidade ou o afastamento entre discurso e discurso-outro. Também se apresenta ambíguo o fato de “não há razão para isso” ser DD, citado sob a forma de uma ilhota textual, ou formulação parafrástica (DI) – aproximando-se de um caso semelhante, ocorrido com o jornal *Le Monde* e estudado por Authier-Revuz (1998, p.208-209).

Nessa mesma direção há a produção de uma igualdade entre o discurso científico e o discurso religioso, no interior do qual o DD é apresentado. Logo no início de seu vídeo (SD-1), Macedo engloba sob o rótulo de boa notícia (possível tradução para o português do grego “evangelho”, nome dado aos quatro primeiros livros do Novo Testamento da Bíblia cristã, que narram a vida de Cristo), tanto os “testemunhos” – prática evangélica de acólitos que falam das melhoras de sua vida como consequência de sua conversão religiosa – quanto o que o médico fala sobre o coronavírus. Há, portanto, não apenas produção de uma transferência de sentidos (um deslizamento) do, por assim dizer, conteúdo da fala do médico, dando especial destaque aos possíveis interesses econômicos por trás das notícias acerca da pandemia; há também “tradução” do discurso do domínio científico para o religioso. Por isso, podemos dizer que se trata de uma hibridização no que tange à distinção entre *discurso-outro associado* e *discurso-outro apropriado*, feita por Authier-Revuz (2004, p.210): ao se recorrer à fala do médico, o vídeo de Macedo não apenas arregimenta sua “voz” como a de um outro que lhe serve de aliado, ele também encapsula seu “conteúdo” sob a forma do mesmo. Observam-se, portanto, gestos de “transferência de sentidos”, de administração dos sentidos que promovem uma “mesmificação do outro”, tornando *um* aquilo que é *não-um*, construindo *igualdade* a partir daquilo que Authier-Revuz chama de *não-coincidência*.

O discurso relatado aqui não se presta plenamente àquilo que a autora chama de uma denegação da clivagem constitutiva do sujeito, na preservação do *Eu* como instância imaginária responsável pela manutenção do “sujeito autônomo, origem de seu dizer”. A “tradução” se dá no âmbito da preservação de uma forma-autor-religiosa que é já dupla em si mesma, construindo uma imagem de completude do bispo, cuja palavra é ao mesmo tempo palavra de Deus e sua. É nesse sentido que o discurso científico – e

não importa que a posição do médico citado seja exceção – é apropriado pelo discurso religioso como discurso produtor de uma verdade a-histórica e totalizante (ou mesmo, totalitária) única. Ao mesmo tempo, mantêm-se as distinções entre a fala do médico e a fala do bispo, necessárias a uma espécie de “seguro contra o desmascaramento”, feita no plano do significante – da palavra literal, que se dissolve no plano do conteúdo, reforçando a ideia de que se transmite “a” verdade.

Esse movimento é constante no discurso iurdiano e dele encontramos alguns exemplos nos livros de Macedo, como o já citado *Plano de poder* (MACEDO, OLIVEIRA, 2008). Nele se observa um movimento de circularidade entre o discurso neoliberal e o discurso religioso, que apaga, por exemplo, as diferenças históricas entre o relato de José, no Egito (BÍBLIA, Gênesis 41-50), e a atualidade:

(SD-4) O objetivo deles (irmãos de José) era *eliminar a concorrência*. (MACEDO, OLIVEIRA, 2008, p.18; grifos nossos)

(SD-5) O fato é que José, através de sua ideologia de *gestão*, promoveu a ascensão do Egito, sobretudo *economicamente*. (MACEDO, OLIVEIRA, 2008, p.18)

(SD-6) ...os irmãos de José ignoraram o *potencial* e a *oportunidade* de aprendizado. (MACEDO, OLIVEIRA, 2008, p.20)

(SD-7) Eles (os hebreus em cativeiro) entenderam tratar-se [a política do faraó] de uma questão de *segurança nacional*. (MACEDO, OLIVEIRA, 2008, p.29)

A partir da história de José, vendido como escravo pelos irmãos e tornado governador do Egito, tomada como “fato”, produz-se uma evidenciação que adéqua duas esferas de ação. A Bíblia, como livro que guarda a única verdade e tudo que o religioso precisa saber, precisa ser também manual de gestão, tratado político, boletim econômico... A verdade é uma só e a forma-autor assumida pelo bispo deve se confundir com a “forma-autor de Deus”, que funciona na Bíblia como fonte daquilo que é dito pelos seus diversos autores. Por isso, ela (a verdade) deve ser equivalente em todo discurso, em um processo de seleção arbitrário – uma vez que apaga a historicidade do texto bíblico e o deslineariza, produzindo aforizações. Nesse movimento, o que vale para José vale para o novo empresário; o que vale para Davi ou qualquer rei bem sucedido de Israel deve valer para um bom presidente cristão; o que vale como verdade no discurso científico, a negação da pandemia pelo médico, vale como discurso

religioso. Como, porém, “essa” verdade é seletiva⁴, não tem valor o que o diretor da Organização Mundial da Saúde diz.

No mesmo vídeo de março, encontramos uma interpretação de uma passagem bíblica, agora do Novo Testamento. Trata-se de um versículo da segunda carta de Paulo aos coríntios, na qual se aconselha aos cristãos instalados na cidade que não desanimem, apesar da chegada de religiosos que vinham de Jerusalém, contradizendo aquilo que ele (Paulo) lhes havia ensinado em sua passagem anterior pela cidade. Paulo exorta os fiéis a perseverarem, apesar da fragmentação que ocorria na congregação, em virtude de perspectivas opostas; para tanto, os aconselha a olharem para a vida após a morte, vida eterna, e não para os problemas que enfrentam no momento. Macedo “traduz” o trecho de Paulo direcionado ao cansaço e desgaste emocional pelas disputas no campo religioso como necessidade de não temer o coronavírus.

(SD-8) Muitas pessoas estão dando entrada nos hospitais só porque têm medo de pegar o coronavírus. E quando elas vão no hospital, elas acabam pegando, contraindo uma enfermidade que não tinham. Então, por favor, ponha a cabeça no lugar. Nós não temos que temer absolutamente essa maldição que corre pelo mundo que se chama, não coronavírus, mas dúvida. Olha só o que disse o apóstolo Paulo, dirigido pelo Espírito Santo. O Espírito Santo deu a ele essa direção, essa inspiração e ele falou o seguinte. *Ele disse: Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que não se veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.* [BÍBLIA, 2 Coríntios 4:18] (MACEDO, 2020b; grifos nossos)

Na Bíblia, trata-se de um encadeamento argumentativo – o versículo recortado, em algumas traduções consultadas, começa com um operador argumentativo como “portanto”, “sendo assim” – mas isso é apagado, devido à recontextualização feita do versículo, considerado apenas como mensagem (informação).

A possibilidade de apagamento das condições de produção de um enunciado, operada pelo DR, e de “puxar a linha da sua interpretação” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.149), se dá em virtude daquela verdade atemporal – eterna – que deve ser visada pelo religioso. A fonte-do-dizer a que se liga a forma-autor-religiosa exercida por Macedo

4

Exemplo já clássico desse recurso é o uso de passagens do Levítico para condenar como pecado as relações homoafetivas (BÍBLIA, Levítico 18:2), apagando-se as restrições alimentares apresentadas pela lei mosaica (BÍBLIA, Levítico 11).

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 1-24 ISSN: 1983-6988

possibilita uma decalcabilidade de tudo que é dito, não importa onde ou por quem, desde que se lhe seja atribuído um valor de verdade, diretamente relacionado a Deus. Assim, o que o apóstolo Paulo disse, inspirado pelo Espírito Santo, vale para a pandemia de coronavírus, da mesma maneira como o que vale para José, no Egito, pode valer para a gestão empresarial do “estado mínimo” neoliberal. O que Deus, por intermédio do Espírito Santo, fala através de Paulo também é o que Deus fala através de Macedo.

É nesse sentido que podemos observar uma forma-autor que se dá concomitante pela produção de duplos – Macedo-Deus, passado-hoje, religião-ciência – e de uma “mesmidade”: tudo que é real deriva do *um*, de Deus. Há denegação da heterogeneidade constitutiva e produção de um imaginário de homogeneidade plurívoca, que se organiza em torno d’“a” verdade. Com isso, há uma evidenciação da opacidade e a produção de uma saturação discursiva: as múltiplas vozes, retomadas pela voz do autor, dizem a mesma coisa em qualquer tempo e qualquer espaço, porque dizem a verdade e “a” verdade é sempre dita por Deus.

A trapaça na construção desse discurso dogmático consiste em se fazer com que esse *um* seja inerentemente ambíguo para que não seja necessário negar seu “conteúdo”, em caso de contradição. Assim, na declaração dada em junho, após recuperar-se da Covid-19, Macedo não retoma o que disse antes, quando falava não haver motivo para se preocupar com o vírus. Nele ainda se reforça a dupla-constituição da autoria (Deus/bispo), presente neste de forma mais reforçada, pelo uso do discurso indireto livre.

(SD-9) E o que tenho aprendido com essa, essa situação que nós vivenciamos é que *tudo coopera para o bem daqueles que amam a Deus*. (MACEDO, 2020c; grifos nossos)

Trata-se agora de uma passagem da epístola de Paulo aos romanos (BÍBLIA, Romanos, 8:28), relatada sem marcação por sintagma introdutor, como verbo dicendi ou advérbio conformativo. Com isso, expressa-se o princípio que se apresenta com regularidade na produção desse discurso e da construção dessa forma-autor, na qual as vozes de Deus (inspirador das palavras de Paulo) e de Macedo se confundem. Esse princípio rege a circularidade na relação autoria-objeto do discurso iurdiano: se esse autor (representante de Deus) fala é porque é verdade, se é verdade é porque é esse

autor (Deus) quem (no fundo) fala. Assim, por dedução, se não for verdade não foi ele nem Ele quem disse.

No âmbito da ilusão referencial, observada a partir da presença das não-coincidências das palavras consigo mesmas promovida pela modalização autonímica e pela construção de determinados efeitos metafóricos, teremos novos elementos que corroboram para nosso gesto interpretativo acerca desse funcionamento imbricado e ambíguo entre autoria e verdade, característico das declarações de Macedo.

Ilusão referencial, autonímia e efeito metafórico

A relação entre autoria e verdade que vimos observando é de natureza tautológica: isso proviria de Deus (através de alguém), logo é verdade; isso é verdade, logo proviria de Deus (através de alguém). E não nos surpreende que haja algumas construções tautológicas ou pseudotautológicas nas duas declarações aqui observadas.

(SD-10) Fica aí o recado do Doutor *que é um cientista e que tem fundamentos científicos pra falar o que falou*, com certeza. (MACEDO, 2020a; grifos nossos)

(SD-11) *As [coisas] que são eternas são eternas. São eternas.* (MACEDO, 2020b)

Há uma recorrência de modalizações autonímicas, com glosas ou não, que atravessam toda a superfície discursiva, como exemplifica a SD-11. De acordo com Authier-Revuz (1998; 2004), as modalizações autonímicas são formas de heterogeneidade mostrada a partir das quais se tomam as palavras como não-transparentes, isto é, em que se atenta para a opacidade da relação significado-significante, de alguma maneira. Na passagem completa da qual se tirou a tautológica explicação para o significado de “eternas”, Macedo explicava o versículo bíblico ao qual já fizemos menção.

(SD-12) Ele disse: Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que não se veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas [BÍBLIA, 2 Coríntios, 4:18]. Então nós temos que atentar nas coisas que são eternas. Nós temos que prestar atenção, *atentar quer dizer prestar atenção*, nas coisas que são eternas, não nas coisas que são passageiras porque as coisas passageiras vão ficar por aí, *como diz a própria palavra, passageiro*. São apenas momentos,

mas as que são eternas são eternas. São eternas. (MACEDO, 2020a; grifos nossos)

Primeiramente, o bispo apresenta o versículo, depois produz uma paráfrase. Recorta-se do versículo aquilo que seria o seu conteúdo tomado como “literalidade” do enunciado, em que se apagam suas condições de produção⁵. Assim, o operador argumentativo “então” introduz uma glosa do versículo e depois outra glosa, no interior da qual também se explicam os sentidos das palavras “atentar” – “atentar quer dizer prestar atenção” – e, de certa forma, “passageiras” e “eternas”.

Essas palavras são explicadas de modo a reiterar uma transparência da linguagem, em relação ao mundo e ao “teatro da consciência” (PÊCHEUX, 2009 [1975]): “as coisas passageiras vão ficar por aí, como diz a própria palavra, passageiro” e “as que são eternas são eternas”. De certa forma, é como se a arbitrariedade do signo, na relação entre significante e significado, não existisse, fazendo com que inexista a possibilidade (constitutiva da linguagem) de polissemia. No entanto, é porque há polissemia, incompreensão, equívoco, deslizamento de sentidos que se faz necessário produzir esse gesto *denegativo* de explicar as palavras, reafirmando sua evidência e univocidade, ao mesmo tempo explicitando sua (possível) polissemia ou incompreensibilidade.

De acordo com Pêcheux, “todo enunciado [...] é [...] linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação” (PÊCHEUX, 2008 [1983], p.53). Como a interpretação é aberta em virtude mesmo da presença constitutiva do discurso-outro como “lei do espaço social e da memória histórica” (PÊCHEUX, 2008 [1983], p.55), há uma regulação do trabalho de interpretação no âmbito das instituições. Essa regulação, ou administração, da produção de sentidos se realiza a partir da matriz oferecida pela formação discursiva na qual se insere o sujeito.

É porque o sentido sempre pode ser outro (ORLANDI, 2008) que a interpretação pode ser administrada. É pela construção de repetição (paráfrase, efeito metafórico,

⁵ Authier-Revuz observa que “o que um DR relata não é uma frase ou um enunciado, é um *ato de enunciação*” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.145), chamando atenção para o fato de que esse – o ato de enunciação – nunca é plenamente restituído, o que por si já promove um deslocamento do *outro* no *mesmo*, uma interpretação que lhe constitui. Com isso, a autora opõe-se à noção gramatical de que o DD constitui uma reprodução “literal” de um enunciado outro.

forma de modalização autonímica) que se dá essa administração no discurso autoritário, como o religioso. Na explicação das palavras do versículo citado, observamos a produção de modalizações autonímicas segundo as quais há uma transparência do dizer, uma igualdade entre significante e significado e entre palavra, pensamento e mundo. Nessas paráfrases, há a produção de um espaço de interpretação regulado, direcionando “o” sentido do versículo “ao” sentido único, verdadeiro, atemporal, aquele que valeria tanto para as condições de produção da epístola bíblica quanto para a divulgação midiática da pandemia de Covid-19.

Podemos interpretar assim as retomadas ou antecipações ao vídeo de Schmidt em DD como paráfrases que visam restringir a interpretação, ao mesmo tempo em que a tomam como evidente – “falar o que falou”, “onde há interesse econômico, aí tem” (MACEDO, 2020a). “A” verdade, objetivo e conteúdo da enunciação inspirada por Deus, que funciona como origem do dizer do autor, precisa ser evidente – como reitera Macedo em alguns de seus livros, sermões e vídeos.

Macedo alerta que “a má interpretação bíblica engessa a ação da fé e, conseqüentemente, deixa os filhos da Luz em desvantagem em relação aos filhos das trevas” (MACEDO, 2008, p.10) e que é preferível praticar a fé do que estudá-la, uma vez que “sabedoria de palavras anula o sacrifício de Jesus” (MACEDO, s.d., p.59). Coloca-se, assim, diametralmente contra a hermenêutica e a teologia, que podem possibilitar as divisões religiosas, a dúvida e a má interpretação. O discurso de Deus seria transparente: “Uma única palavra apenas e toda a Sua [de Deus] vontade é transmitida de forma perfeita e é automaticamente compreendida pelo servo” (MACEDO, 2009, p.15). Deve-se restabelecer o mundo semanticamente estável e pragmaticamente homogêneo do mito da criação bíblico (BÍBLIA, Gênesis 1), no qual Deus profere palavras que designam coisas antes de as coisas existirem, dá ordens e é instantaneamente obedecido.

Para reestabelecer, porém, essa *língua de deus* – homogênea e unívoca – é necessário produzir paráfrases e modalizações autonímicas. Um dos expedientes mais frequentes nas declarações que observamos é o da reformulação autonímica, do tipo X, Y, sem os reformuladores que encontramos em (SD-12), “atentar quer dizer prestar atenção”, ou em (SD-13) “nós ficamos praticamente em convalescença, quer dizer,

recuperando” (MACEDO, 2020c) que estabelece uma relação de sinonímia entre duas maneiras de dizer.

Authier-Revuz aponta que essas formas metaenunciativas poderiam ser compreendidas no plano da “‘gestão’ local dos pontos de não-um – precaução, correção, diferenciação, etc. –, que pode ser descrito em termos de ‘estratégias comunicacionais’” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.85), mas não só. Compreendê-las no âmbito das estratégias comunicacionais apenas seria assumir a plena intencionalidade do sujeito, a possibilidade de controle sobre o que se diz – intencionalidade e controle que a AD compreende como ilusões constitutivas e necessárias do próprio funcionamento do discurso e da produção do sujeito como evidência pela interpelação ideológica.

Tal compreensão nos conduziria ao campo da retórica, ou seja, daquilo definido por Aristóteles como “a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir” (ARISTÓTELES, 2005, p.95). Tal noção pressuporia um sujeito intencional, centro e origem do seu dizer – sujeito que equivaleria ao autor-empírico, diferente daquele conceptualizado por Pêcheux (2009 [1975]) e Authier-Revuz (1998; 2004). Em outras palavras, esse sujeito da retórica é efeito da interpelação ideológica e do trabalho da instância imaginária do *Eu* (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.33). Podemos ainda dizer que a “persuasão” como efeito se dá pela interpelação ideológica, pela identificação do indivíduo com a formação discursiva que o domina, não como efeito da “boa retórica”.

Dentre as múltiplas figuras fornecidas por essa “arte” (a retórica), encontra-se a metábole, uma reformulação autonímica de tipo *X, Y*. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca, “a sinonímia ou metábole, que é descrita como a repetição de uma mesma ideia mediante termos diferentes, utiliza [...] uma forma que sugere a correção progressiva” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.199). Para a AD, porém, a “ideia”, entendida como referência ou sentido de uma expressão, estabelecida pela relação pensamento-mundo-palavra, não é prévia à própria expressão, é um efeito do processo de produção discursiva e do modo como o discurso se inscreve no interdiscurso.

O interdiscurso, espaço da historicidade dos sentidos, da memória constitutiva, do Outro, estabelece (para cada formação discursiva) “o” sentido considerado evidente, único, cuja “objetividade material [...] reside no fato de que ‘algo fala’ (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’” (PÊCHEUX, 2009 [1975], p.149).

Assim, a “repetição de uma mesma ideia” é efeito do interdiscurso, daquilo que Pêcheux chama de efeito metafórico, “o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre *x* e *y* [duas palavras ou expressões] é constitutivo do ‘sentido’ designado por *x* e *y*” (PÊCHEUX, 2019 [1969], p.52).

Esse fenômeno é necessário à constituição da identidade do sentido de uma formação discursiva e da forma-sujeito nela inscrita. É ainda fundamental para a constituição da forma-autor (coerente, constante, origem do dizer) que se estabelece pela delimitação de uma identidade do dizer a partir da criação de fronteiras com o outro (imaginário) da interlocução e com o Outro (constitutivo) da interdiscursividade. É assim que sujeito e sentido se constituem mutuamente, uma vez que, ocultando-se essa heterogeneidade básica, opera-se aquilo que Pêcheux chama de

mecanismo da “identificação do objeto”, que simultaneamente é uma identificação perceptiva (eu vejo *esta coisa*, que vejo = eu vejo o que vejo) e uma identificação inteligível (sabe-se que esta coisa é o X que..., que corresponde a “sabe-se o que se sabe”). Essa dupla tautologia – eu vejo o que vejo/sabe-se o que se sabe – é, poderíamos dizer, o fundamento aparente da identificação da “coisa” e também do sujeito que a vê, que fala dela ou que pensa nela – o real como conjunto das coisas e o sujeito, único no seu nome próprio (PÊCHEUX, 2009 [1975], p.91-92)

O sentido das palavras precisa ser equivalente à percepção das “coisas”, à experiência, matriz da produção d’“a” verdade, de acordo com o que postula Macedo (2009). A experiência cristã, guiada por Deus, precisa ser autoevidente. A série de autonímias do tipo *X*, *Y* é assim um movimento que busca desambiguar o discurso, enquanto – pelo avesso – explicita o denegado da polissemia, da palavra dos outros.

(SD-14) Mas a outra boa notícia vem de *um médico, um cientista* que tem a falar a respeito do coronavírus. E *todo mundo está assustado, todo mundo está apavorado* e que não há, segundo ele, não há razão pra isso. As pessoas estão apavoradas por algo que verdadeiramente não condiz com *a realidade que a mídia, a mídia tem jogado no ar, o pavor que a mídia tem usado pra levar as populações, as nações apavoradas com respeito a esse vírus, coronavírus.* (MACEDO, 2020a; grifos nossos)

(SD-15) E eu gostaria de agradecer aqui *o carinho imenso, o amor, atenção* de todos aqueles que nos tem *querido bem.* (MACEDO, 2020c)

(SD-16) ...nós ficamos praticamente em convalescença, quer dizer, recuperando, mas *tomando os devidos cuidados, tomando as precauções por orientações médicas*. (MACEDO, 2020c)

Nas sequências discursivas acima, pelas duplicações autonímicas, produz-se um efeito de progressiva precisão do dizer, (pretensamente) sem “pontos de deriva” para a interpretação. Pela autonímia, produzem-se efeitos metafóricos, sinonímias contextuais, segundo as quais se constrói uma “identidade de ideia” (metábole): na SD-14, médico = cientista, assustado = apavorado, jogar no ar = usar (=noticiar), populações = nações; na SD-15, carinho imenso = amor = atenção = *querer* bem; na SD-16, cuidados = precauções.

Tal funcionamento produz um efeito de que não há outro(s) sentido(s), ou seja, de que não há mais nada a ser dito. Tudo se estabelece como se fora do enunciado de Macedo (de Deus) só houvesse silêncio de sentidos – não o silêncio constitutivo dos sentidos de que nos fala Orlandi, mas um silêncio “sem forma e vazio” (BÍBLIA, Gênesis 1:2). Esse efeito de saturação e de completude advém também da homogeneização de discursos diversos: do discurso bíblico, do discurso científico e do discurso iurdiano, que encontramos nessas declarações. Fora d’“a” verdade enunciada, não há nada a ser dito.

Conclusão

O funcionamento das heterogeneidades mostradas e dos efeitos metafóricos nas declarações de Macedo, os quais abordamos de forma não-exaustiva, promovem assim um efeito inerentemente ambíguo e unívoco, de homogeneização do diferente e de preservação de identidades, que possibilitam a preservação de sua forma-autor (como derivada de Deus, coerente e constante). Ela se mantém, mesmo quando acontecimentos da ordem do “real” poderiam afetar a linearidade desse dizer e sua fonte.

Em março, Macedo afirmava não haver razão para temer o coronavírus; em junho, falava sobre sua recuperação após ter contraído o vírus. Não se trata de um evento novo para a igreja, se pudermos lembrar do episódio do “chute na santa” e dos múltiplos exemplos de racismo religioso, dos quais o mais emblemático seria o ataque feito à ialorixá Mãe Gilda de Ogum (NASCIMENTO, 2019). A IURD,

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 1-24 ISSN: 1983-6988

tradicionalmente, não se retrata por equívocos, mesmo quando acionada pela Justiça. Não seria diferente com o coronavírus.

A impossibilidade de retratação diz respeito ao modo como a prática discursiva iurdiana constrói sua relação com a verdade e configura sua forma-autor. Isso se dá a partir de determinados gestos de administração dos sentidos que conferem um estatuto ambíguo e ao mesmo tempo unívoco para seus enunciados; esse funcionamento discursivo nos serve para observar aquilo que Pêcheux chama de “máquina paradoxal” (PÊCHEUX, 2010 [1983], p.311).

O paradoxo de que nos fala Pêcheux concerne ao modo como se organizam as relações entre o *mesmo* e o *outro*, constitutivas da discursividade. No discurso iurdiano, no qual se buscam homogeneizar as diferenças sob o estatuto religioso de qualquer discurso dado como veículo d’“a” verdade, a presença do outro se dá pela transferência de sentidos, pela produção de paráfrases.

Em relação ao Outro do interdiscurso, princípio a partir do qual as palavras produzem sentido em virtude da sua historicidade, o discurso iurdiano produz uma sucessão de modalizações autonímicas que identificam, por efeito metafórico, expressões a outras, em um movimento que, ao mesmo tempo em que expõe a opacidade constitutiva da linguagem, a captura sob a forma da transparência do sentido.

Esses mecanismos, engrenagens dessa máquina paradoxal, promovem um efeito de completude do dizer, de que nada deixou de ser dito, situado no *continuum* totalizante do enunciado e da verdade, do duplo da forma-autor Macedo-Deus, que impossibilita o diálogo. Confrontar o discurso iurdiano, inquiri-lo, implica – a partir de uma interpretação inerente a essa formação discursiva – não entender, o que, por sua vez, significaria estar a serviço de forças demoníacas. Nele, o modo como a heterogeneidade mostrada se inscreve é uma espécie de salvo conduto para o “não foi o que eu quis dizer”, “não fui eu que disse isso”, mas também para a construção de uma verdade absoluta.

O questionamento e a dúvida são um assunto frequente nos discursos do bispo. No primeiro vídeo que observamos, Macedo aconselha, valendo-se de uma sucessão de paráfrases:

(SD-17) Então, minha amiga e meu amigo, não se preocupe como o coronavírus, porque essa é a tática é a tática, ou mais *uma tática de*

Satanás. Satanás trabalha com o medo, com o pavor. Satanás trabalha com a dúvida. Satanás apavora as pessoas. E quando as pessoas ficam apavoradas, quando as pessoas ficam com medo, quando as pessoas ficam em dúvida, as pessoas ficam fracas, débeis e susceptíveis a qualquer ventinho. (MACEDO, 2020a; grifos nossos)

Medo, pavor e dúvida se apresentam como estados equivalentes, todos produzidos pela atuação direta de Satanás; atuação essa que, por meio de outra paráfrase, a aproxima do funcionamento da mídia, como se vê na SD-14: “o pavor que a mídia tem usado pra levar as populações, as nações apavoradas com respeito a esse vírus, coronavírus” (MACEDO, 2020a). Ao acólito resta o medo de ter medo e de ter dúvida, o medo de estar sendo “possuído” pela mentira divulgada pela mídia-Satanás. Aquilo que está “fora” do discurso iurdiano, que é silenciado, é intrinsecamente perverso, enganoso, demoníaco.

Para isso, a forma-autor-religiosa (iurdiana) se sedimenta – e se preserva – por meio de paráfrases que administram a interpretação, fazendo o *outro* igualar-se ao *um*, construindo um efeito de univocidade, a despeito da heterogeneidade a partir do qual se constitui. Com isso, preserva-se igualmente “a” verdade que ele veicula.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado (Notas para uma investigação). In: ŽIŽEK, Slavoj (org.). *Um mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996 [1970], p.105-142.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Jr. 2.ed. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa; Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Trad. Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. *Caderno de estudos linguísticos*, Campinas, n.19, p.25-42, jul./dez. 1990.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Trad. Claudia R. Castellanos Pfeiffer et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada King James atualizada*. Trad. Comitê Internacional de Tradução da Bíblia King James. São Paulo: Sociedade Íbero-Americana, Abba-Press; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

BISPO Edir Macedo recebe alta após tratamento contra coronavírus, diz Universal. *Folha de São Paulo*, São Paulo, ano 100, n.33.308, 12 jun. 2020. Caderno Poder.

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 1-24 ISSN: 1983-6988

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/bispo-edir-macedo-recebe-alta-apos-tratamento-com-cloroquina-contr-coronavirus-diz-universal.shtml>. Acesso em: 22 jun. 2020.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2006 [1970].

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: _____. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Org. Manoel Barros da Motta; trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015 [1969], p.268-302. (Ditos & Escritos, III)

FREGE, Gottlob. Sobre o sentido e a referência. In: _____. *Lógica e filosofia da linguagem*. Trad. Paulo Alcoforado. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009 [1892], p.129-158.

MACEDO, Edir. *A libertação da teologia*. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, s.d.

MACEDO, Edir. *Fé e dinheiro: descubra qual é a vontade de Deus para a sua vida*. Rio de Janeiro: Unipro Editora, 2008.

MACEDO, Edir. *A voz da fé: o segredo para uma vida bem sucedida*. Rio de Janeiro: Unipro Editora, 2009.

MACEDO, Edir. Palavra amiga do Bispo Macedo, parte 1. [S.l.], 11 mar. 2020a. 1 vídeo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/03/edir-macedo-apaga-video-em-que-diz-que-coronavirus-nao-passa-de-estrategia-de-satanas-e-da-midia.shtml>. Acesso em: 15 jun. 2020.

MACEDO, Edir. Palavra amiga do Bispo Macedo, parte 2. [S.l.] 11 mar. 2020b. 1 vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=32TIDTXrGp0&feature=emb_logo. Acesso em: 15 jun. 2020.

MACEDO, Edir. O sol da justiça. [S.l.] 14 jun. 2020c. 1 vídeo. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/pela-primeira-vez-bispo-edir-macedo-fala-sobre-sua-recuperacao-da-covid-19/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

MACEDO, Edir; OLIVEIRA, Carlos. *Plano de poder: Deus, os cristãos e a política*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

NASCIMENTO, Gilberto. *O reino: a história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

OLIVEIRA, Davi M. Igrejas pentecostais e sua atuação política recente no Brasil. *Revista brasileira de história das religiões*, v.13, n.37, 23 mar. 2020. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/52701/751375149941>. Acesso em: 22 jun. 2020.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ORLANDI, Eni P.; GUIMARÃES, Eduardo. Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito. In: ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2008, p.53-73.

PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. 5.ed. Campinas: Pontes, 2008 [1983].

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et al. 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009 [1975].

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas. Trad. Jonas de A. Romualdo. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010 [1983], p.307-315.

PÊCHEUX, Michel. Abertura do colóquio. In: CONEIN, Bernard et al. (orgs.). *Materialidades discursivas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016 [1980], p.23-29.

PÊCHEUX, Michel. *Análise automática do discurso*. Trad. Eni P. Orlandi e Greciely Costa. Campinas: Pontes, 2019 [1969].

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação. A nova retórica*. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

XXXXX, 2019.

VANNUCHI, Camilo. A pandemia de Covid-19 segundo Bolsonaro: da “gripezinha” ao “e daí?” *UOL Notícias*, 30 abr. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/camilo-vannuchi/2020/04/30/a-pandemia-de-covid-19-segundo-bolsonaro-da-gripezinha-ao-e-dai.htm>. Acesso em: 1 jun. 2020.

Submetido em: 11/08/2020.

Aprovado em: 29/04/2021.

Como referenciar este artigo:

SILVA, Luiz Felipe Andrade. Forma-autor e heterogeneidade em declarações de Edir Macedo sobre a Covid-19. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19:uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 1-26.